

MERCADO AGROPECUÁRIO



FAEMG
SENAR
INAES
SINDICATOS



CANA

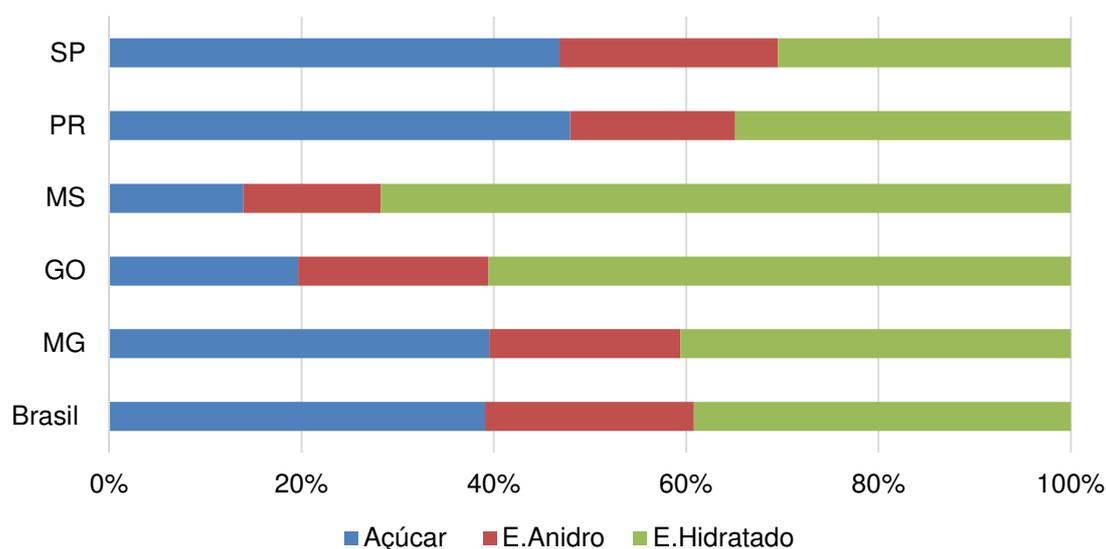
Espera-se que a safra de cana-de-açúcar 2019/20 em Minas Gerais fique pouco maior que a última, com 63,8 milhões de toneladas, produzindo 3,1 bilhões de litros de etanol e 3,3 milhões de toneladas de açúcar. Apesar de o mix de produção buscar o equilíbrio nessa safra, a demanda pelo biocombustível segue elevada. O valor médio do ATR para a safra 2019/20 em Minas Gerais é estimado em 137,7 kg de ATR por tonelada de cana, totalizando um valor médio de pagamento na ordem de R\$ 84,45 por tonelada, valor 4,7% maior que a última safra, porém, abaixo dos custos de produção. Para o açúcar, a safra passada foi marcada por preços baixos em virtude a um superávit produtivo. Ao fim de 2018, período de entressafra e também previsão de quebra produtivas em países do norte asiático (Índia e Tailândia), os preços começaram se recuperar, voltando o mix de produção direcionado para o adoçante. Porém, políticas protecionistas vêm atrapalhando o comércio exterior do açúcar, não somente o preço. Para o etanol, o consumo elevado favoreceu a produção recorde da última safra, com perspectivas de manutenção para o novo ciclo, até mesmo com incorporação do etanol de milho. Os produtores também estão esperançosos com o RenovaBio, como é chamada a Política Nacional de Biocombustíveis, que passará a vigorar a partir de janeiro de 2020.

Os números da safra mineira de cana-de-açúcar em 2019 deverão ser próximos ao da última safra: 63,8 milhões de toneladas diante dos 63,2 milhões da safra passada (+1%), aumento tímido relacionado à produtividade (+2,7%), que somada as condições climáticas que vem ocorrendo até o momento, agregado ao incremento tecnológico e renovação gradual das lavouras, introduzindo novas variedades e melhoria de manejo. Preocupante no que tange a área colhida, onde espera-se redução de 1,6%, saindo de 848 mil hectares para 834,5 mil, movimento migratório de produtores para outras culturas.

ATR: O clima, a idade das lavouras e a forma de colheita influenciam no ATR. A colheita mecanizada ocorre, na maior parte das vezes, sem o uso da prática de queima das lavouras. Com isso, uma maior quantidade de impurezas vegetais, como palhas, vai para o processo de moagem e acaba por reduzir a eficiência na extração do ATR. Além disso, as palhas criam um microclima favorável ao aparecimento de pragas e doenças, que prejudicam o ATR. Em Minas Gerais o índice de mecanização está em 95,2% para a safra atual. O ATR médio estimado é de 137,7 kg/t, representando redução de 0,6% em relação à safra passada.

AÇÚCAR: a expectativa é de aumento percentual do ATR destinado à produção de açúcar, saindo de 36,7% na safra 2018/19, para 39,5% estimado para esta safra. Com essa previsão, a produção mineira de açúcar poderá atingir 3,3 milhões de toneladas, aproximando-se dos níveis alcançados nos últimos anos. O comportamento da safra mineira acompanha a média nacional, enquanto outros estados tradicionais (SP e PR) terão um mix mais açucaleiro, os estados em expansão (MS e GO) buscam reforçar o caixa com um direcionamento a produção para o etanol, e para safra atual, tais estados incluem ainda o milho na fabricação do biocombustível.

Figura 1 – Comparativo do Mix de Produção para Safra 2019/20.



Fonte: CONAB (2019).

ETANOL: A safra 2018/19 atingiu a produção recorde de 3,2 bilhões de litros, estimulado pela expansão do consumo e pelos baixos preços do açúcar no mercado internacional. Para a temporada 2019/20, prevê-se um cenário de normalização da produção de etanol. A estimativa da produção mineira para o etanol total nesta safra é de 3,1 bilhões de litros, redução de 4,2% em relação à safra passada. Essa redução na produção de etanol está relacionada à expectativa de maior destinação de ATR para a produção de açúcar nesta safra, diminuindo a fabricação de etanol.

Em síntese, os indicadores estimados para safra 2019/20 são:

INDICADORES	2017/18	2018/19	VAR. %
CANA PARA USINA (MILHÕES TON)	63,20	63,85	1,0%
CANA PARA ETANOL (MILHÕES TON)	41,35	38,63	-6,6%
CANA PARA ETANOL ANIDRO (MILHÕES TON)	11,54	12,71	10,1%
CANA PARA ETANOL HIDRATADO (MILHÕES TON)	29,82	25,92	-13,1%
CANA PARA AÇÚCAR (MILHÕES TON)	23,87	25,22	5,6%
PRODUTIVIDADE (TON/HÁ)	74,53	76,52	2,7%
ATR MÉDIO (KG/TON)	8.929,67	8.793,41	-1,5%
AÇÚCAR (MILHÕES TON)	138,50	137,72	-0,6%
ETANOL (BILHÕES L)	3,06	3,3	8,1%
ETANOL ANIDRO (BILHÕES L)	3,24	3,1	-4,2%
ETANOL HIDRATADO (BILHÕES L)	0,82	1,0	20,0%
ÁREA COLHIDA (MIL HA)	2,41	2,1	-12,5%

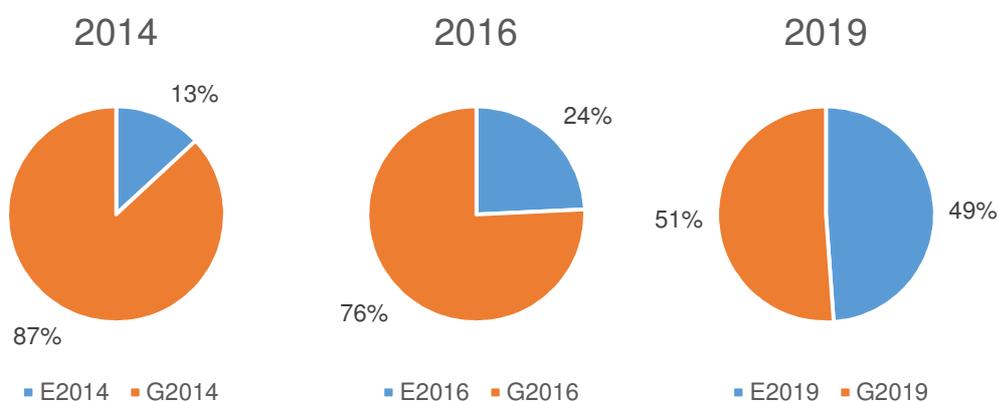
Fonte: CONAB (2019).



Apesar de o *mix* de produção buscar o equilíbrio nessa safra, a demanda pelo biocombustível segue elevada. Em Minas Gerais, segundo os dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), até junho de 2019, o uso do etanol hidratado acumulou alta de 52%, chegando a 1,5 bilhões de litros, ante os 976 bilhões registrados no mesmo período de 2018. Já gasolina retraiu 14,4% no acumulado, totalizando consumo de 1,6 bilhões de litros, ante 1,9 bilhões referente ao mesmo período anterior.

É notória a evolução do consumo do etanol em Minas Gerais, como pode ser observado no gráfico abaixo, onde comparando-se apenas o consumo de etanol hidratado e gasolina C, o percentual representativo do etanol que era de apenas 13% e da gasolina 87% e, 2014, passou para 49% em 2019, praticamente se equiparam ao consumo de gasolina.

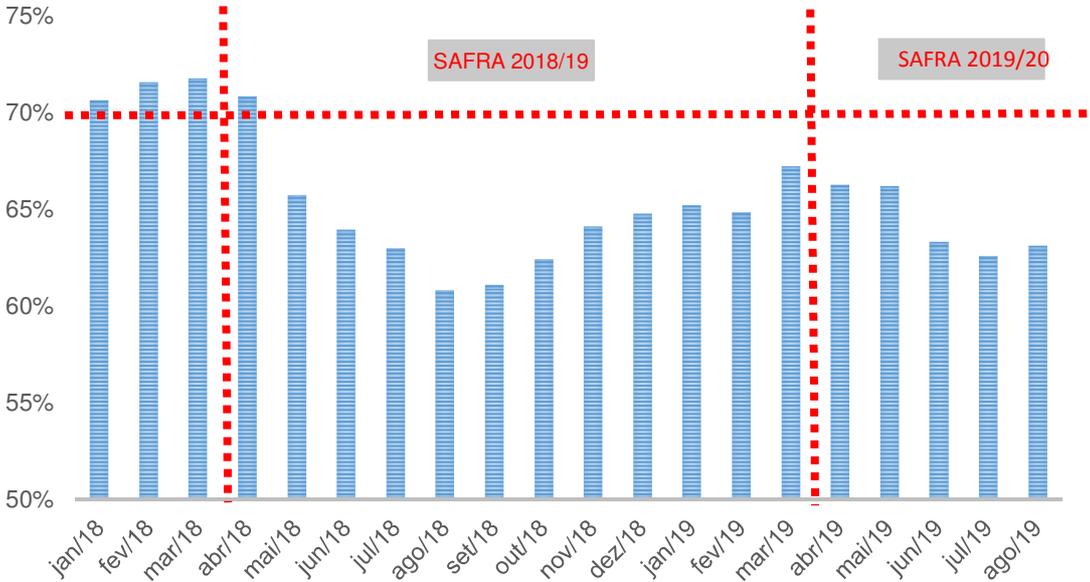
Figura 2 – Evolução do consumo de etanol hidratado e gasolina (em percentual).



Fonte: ANP (2019).

O preço do combustível foi favorável para o aumento do consumo, onde a paridade entre etanol e gasolina foi inferior a 70% durante a maior parte do ano, principalmente durante o período de safra (a partir de abril). Entre janeiro e agosto a média para o estado foi de 64%, compensando o abastecimento com etanol hidratado.

Figura 3 – Evolução do consumo de etanol hidratado e gasolina (em percentual).



Fonte: ANP (2019).

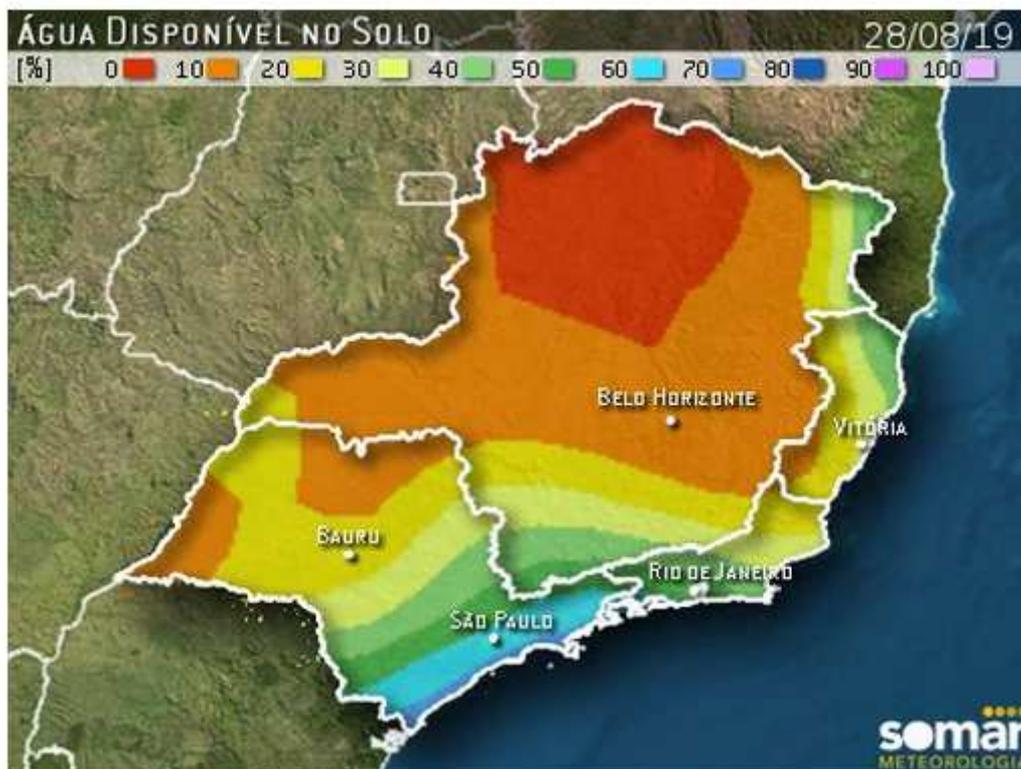
PERSPECTIVAS PARA 2019/20

CLIMA

A última semana foi caracterizada pela pouca chuva no Brasil, onde a colheita de cana-de-açúcar, e por consequência a moagem, puderam seguir sem prejuízos nas principais regiões produtoras do Centro-Sul.

Sob a atuação de uma massa de ar seco que inibe a formação de novas instabilidades, a expectativa é de tempo seco sobre a maior parte do Brasil. Aliás, especialmente em áreas do Brasil Central e da metade norte brasileira, a preocupação continua sendo a estiagem e o alto número de focos de queimadas que têm atingido também importantes áreas produtoras.

Figura 4 - Umidade do solo (agosto/2019).



Fonte: SOMAR Meteorologia (2019).

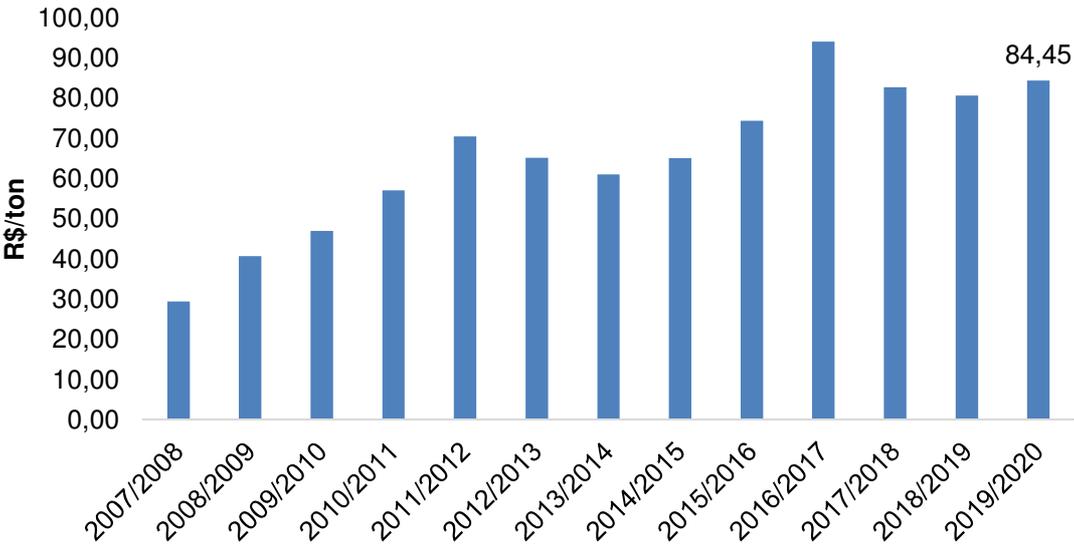
Esse é um importante alerta ao setor canavieiro, uma vez que o sistema de mecanização deixa um vasto contingente de palhada, foco para início de incêndio, além da própria lavoura não colhida.

PREÇOS CANA-DE-AÇÚCAR

O preço pago pela matéria-prima é relacionado à qualidade da cana entregue na usina, medido pelo ATR – Açúcar Total Recuperável. Em Minas Gerais, o valor médio do ATR para a safra 2019/20 é estimado em 137,7 kg de ATR por tonelada de cana.

Usualmente, as usinas utilizam como base para precificação da cana aos fornecedores a metodologia CONSECANA do estado de São Paulo. A média acumulada para a safra 2019/20 está em 0,6132 R\$/Kg (referencia julho/19), totalizando um valor médio de pagamento na ordem de R\$ 84,45 por tonelada, valor 4,7% maior que a última safra.

Figura 5 – Evolução do preço médio da cana entregue pelos fornecedores em Minas Gerais.

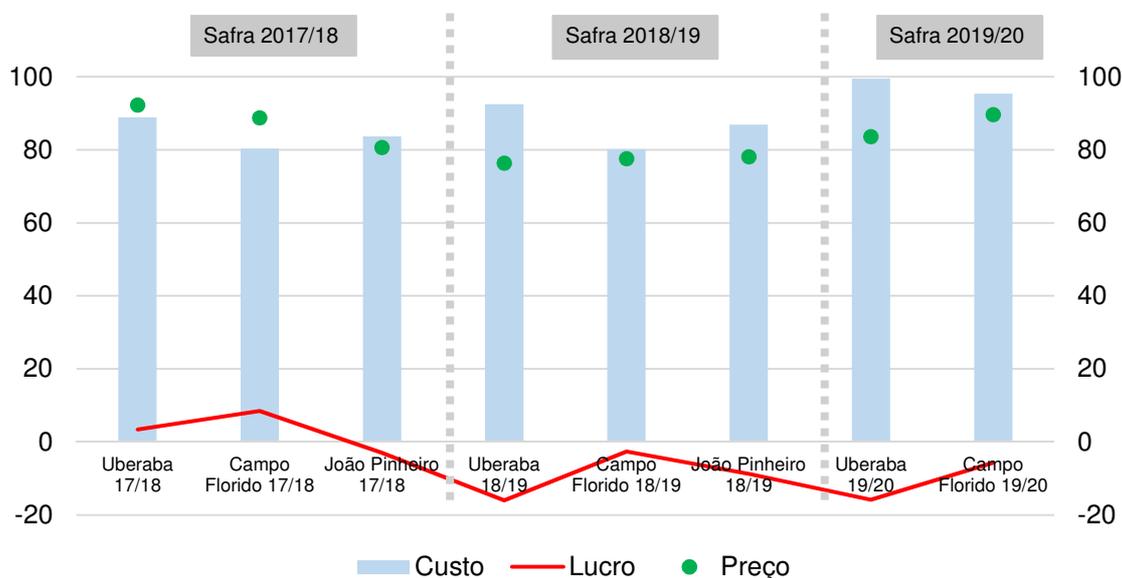


Fonte: CONAB / CONSECANA-SP (2019).

Porém, ao que se observa em campo é um patamar de preço que ainda não cobrem os custos de produção da matéria-prima, que foi em média R\$ 97 por tonelada em Minas Gerais. Tal indicador foi calculado a partir da apuração de custos em 2 diferentes municípios produtores do estado (Uberaba e Campo Florido), em levantamento promovido pelo Sistema FAEMG, CNA e Pecege, para o projeto Campo Futuro.

Destaca-se que para a Safra 2019/20 houve aumentos nos custos de produção, relacionado principalmente ao aumento no preço dos fertilizantes e do dólar.

Figura 6 – Evolução da relação custo e lucro para fornecedor de cana em Minas Gerais.



Fonte: FAEMG / CNA / PECEGE (2019).

Chama-se atenção ao fato de nenhum município produtor apresentar custos menores que os preços praticados, levando a conclusão de prejuízo econômico ao produtor de cana por duas safras consecutivas. Ressalta-se que não estão inclusas nestas análises eventuais bonificações estabelecidas entre usinas e produtores, práticas estas que, dadas as evidências, vem se tornando fundamentais a sobrevivência no produtor de cana, regendo uma nova formação de negociação.

AÇÚCAR

O mercado internacional de açúcar vivencia períodos de altos e baixos. A safra passada foi marcada por preços baixos em virtude a um superávit produtivo. Ao fim de 2018, período de entressafra e também previsão de quebra produtivas em países do norte asiático (Índia e Tailândia), os preços começaram se recuperar, voltando o mix de produção direcionado para o adoçante.

Apesar de diferenças pontuais de produção, em julho foi aberto painel na Organização Mundial do Comércio (OMC) contra a Índia e suas políticas para o açúcar. Os questionamentos denunciaram as práticas deste país que ferem as regras do órgão, como os elevados preços mínimos pagos pela cana-de-açúcar e os subsídios à exportação.



Mas, apesar desta ação conjunta a outros países produtores (Guatemala e Austrália, incluindo Brasil), a Índia manterá seus subsídios de 10.448 rúpias (146,14 dólares) por tonelada para as exportações de até 6 milhões de toneladas de açúcar na temporada de comercialização de 2019/20, que começa em outubro.

Os subsídios à exportação devem aumentar os embarques do maior produtor de açúcar do mundo e reduzir a quantidade estocada na Índia. Isso pode pressionar os preços globais, que estão sendo negociados perto do nível mais baixo em 11 meses.

Diante disso, os preços do açúcar bruto na ICE recuaram com as perspectivas de exportações substanciais pela Índia em 2019/20 colocando o mercado na defensiva. O contrato outubro do açúcar bruto fechou em queda de 0,16 centavos de dólar, ou 1,4%, a 11,21 centavos de dólar por libra-peso.

Figura 7 – Evolução do preço futuro do açúcar.



Fonte: Bloomberg Markets (2019).

Os preços não conseguiram romper a resistência de 11,50 centavos de dólar, aproximando do menor nível ocorrido em outubro do ano passado.

Já no mercado físico, o volume de açúcar cristal negociado vem diminuindo. Esse cenário pode ser explicado, entre outros fatores, pelas boas quantidades vendidas entre julho e a primeira dezena deste mês, cenário que deixou as usinas em uma posição mais confortável com relação ao fluxo de caixa e compradores mais abastecidos. O maior direcionamento da cana-de-açúcar para produção do etanol também vem comprometendo a oferta de cristal no spot.

MERCADO AGROPECUÁRIO

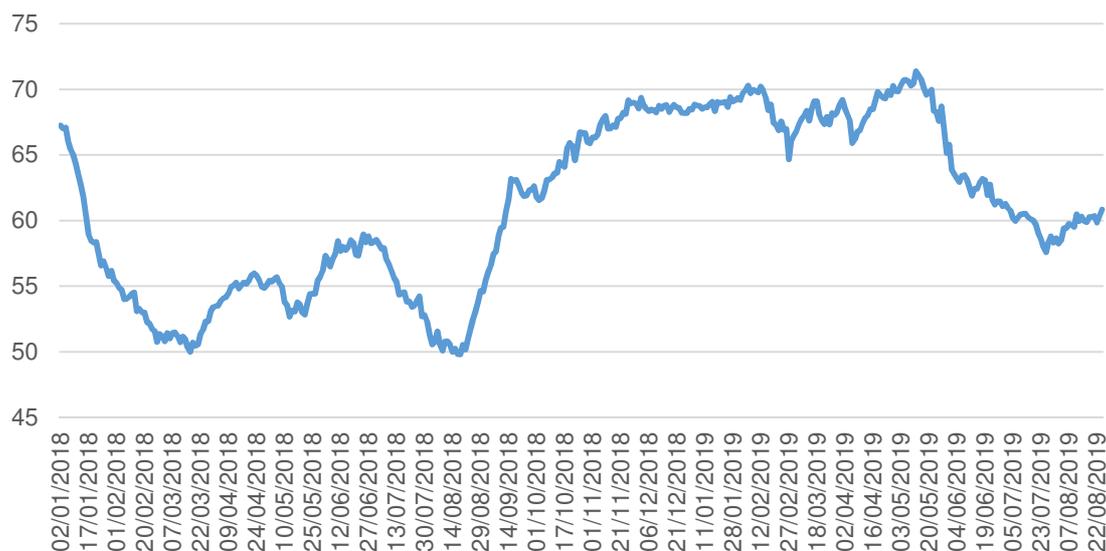


FAEMG
SENAR
INAES
SINDICATOS



Nesse cenário, os preços se estabilizaram na última semana, deixando a média em R\$ 60,22/saca de 50 kg.

Figura 8 – Preço do açúcar cristal (R\$/saca de 50kg).



Fonte: CEPEA/ESALQ (2019).

As políticas protecionistas vêm atrapalhando o comércio exterior do açúcar, não somente o preço. As exportações mineiras reduziram 8% em volume e 16% em valor, ou seja, de 1,3 para 1,1 milhões de toneladas e 408 para 343 mil dólares, respectivamente.

No momento, três temas agudo atrapalham, a comercialização da commodity no mercado global:

- 1) As práticas adotadas pela Índia em subsidiar a exportação e apoiar o preço interno do açúcar acima de 10% do valor da produção.
- 2) As sobretaxas de 45% impostas pelos chineses nas importações de açúcar brasileiro elevaram a taxa para 90%.
- 3) As sucessivas campanhas de difamação da imagem do açúcar como causador de doenças como obesidade, hipertensão e diabetes.

ETANOL

O consumo elevado de etanol favoreceu a produção recorde da última safra— 63% da oferta da cana-de-açúcar foi destinada à produção do biocombustível —, com perspectivas de manutenção para o novo ciclo.

Mas há uma nova ameaça no horizonte: a possibilidade de zerar as tarifas para o etanol de milho, importado dos Estados Unidos. As autoridades brasileiras consideram zerar a tarifa de importação de etanol para facilitar as negociações

MERCADO AGROPECUÁRIO



FAEMG
SENAR
INAES
SINDICATOS



em curso do acordo bilateral com os Estados Unidos. Tal medida pode até beneficiar o consumidor final, mas prejudica a indústria brasileira do etanol.

Justamente por isso, o Ministério da Agricultura se opõe e defende a renovação da atual cota de importação, que defende que qualquer abertura de mercado seja feita gradualmente para não afetar o setor de etanol no Brasil.

Em agosto de 2017, o governo do Brasil aplicou uma tarifa de 20% sobre os embarques de etanol dos EUA que excedem a cota anual de 600 milhões de litros, após as importações dos EUA terem deteriorado os preços locais.

Desde 2016, o Brasil é o maior comprador do etanol dos Estados Unidos. Passou à frente do Canadá. Os produtores americanos haviam expandido a capacidade apostando no apetite da China, mas a guerra comercial com o gigante asiático desidratou seus planos. O foco dos embarques passou a ser, então, o mercado brasileiro. No ano passado, o Brasil importou 1,1 bilhão de litros de etanol dos Estados Unidos. Curiosamente, exportou ao país 1,8 bilhão de litros.

Enquanto isso, no Brasil os investimentos se voltam para produção de etanol a base de milho. A partir do 1º levantamento da safra 2019/20, divulgado pela Conab, passou-se a incluir os dados sobre o etanol à base de milho.

A Região que mais se destaca na utilização do cereal como combustível é o Centro-Oeste (Mato Grosso e Goiás), com 94,2% da oferta nacional em 2019, ou seja, 1,27 bilhão de litros, um crescimento de 62,4% em relação à safra passada. Há previsão de uma unidade iniciar os trabalhos em Minas Gerais no próximo ano.

A indústria nacional vem se empolgando com a possibilidade de que China, Índia e Filipinas passem a adotar o chamado E10, a gasolina com 10% de etanol. Já a Tailândia, outro consumidor em potencial, poderia acrescentar uma fatia 20% de etanol à gasolina.

Caso esses quatro países realmente adotem o E10 e o E20, haveria uma demanda adicional de 19,4 bilhões de litros de etanol por ano, o equivalente a mais da metade da produção brasileira.

O milho não compete com a cana. Pelo contrário, em razão da entressafra ter uma duração de cerca de seis meses, as usinas podem acrescentar o milho para operar nesse período. Além disso, a instalação de uma usina de cana até a sua operação leva em torno de quatro a cinco anos. Uma usina de etanol de milho já pode produzir em um prazo máximo de 18 meses.

A produção de etanol a base de milho surge como elemento estratégico para as usinas das regiões sul e sudeste aproveitarem as oportunidades.



RENOVABIO

Os produtores também estão esperançosos com o RenovaBio, como é chamada a Política Nacional de Biocombustíveis, que passará a vigorar a partir de janeiro de 2020. O objetivo é reduzir as emissões de gás carbônico em 11% até 2029 em comparação com 2018. Para isso, será preciso estimular aumento da produção e do consumo de combustíveis renováveis.

Na prática, a produção nacional deve crescer para 48 bilhões de litros (contra os atuais 33 bilhões), exigindo um investimento de R\$ 60 bilhões a R\$ 70 bilhões na próxima década.

A ANP aprovou, em novembro de 2018, a resolução que regulamenta o Programa (a Lei nº 13.576/2017) quanto aos critérios para Certificação da Produção Eficiente de Biocombustíveis (CBios), à definição de requisitos para o credenciamento de firmas inspetoras responsáveis por tal certificação e aos cálculos da Nota de Eficiência Energético-Ambiental de produtor e importador de biocombustível certificado que aderiram ao RenovaBio (RenovaCalc).

Para o ano de 2019, o setor espera avanços na implementação do programa RenovaBio, com políticas que possam dar suporte ao produtor de cana-de-açúcar, para que consigam auferir lucratividade produtiva e auxiliar as usinas no cumprimento quanto a descarbonização, principalmente na inclusão dos fornecedores no recebimento do CBios.